

O QUE FAZER QUANDO VOCÊ  
SE APAIXONA PELO CARA PERFEITO,  
MAS JÁ ESTÁ AMANDO O CARA CERTO?

S. C. STEPHENS

Nº 1 da lista de best-sellers do *New York Times*

# INTENSO DEMAIS

TRILÓGIA ROCK STAR LIVRO 1

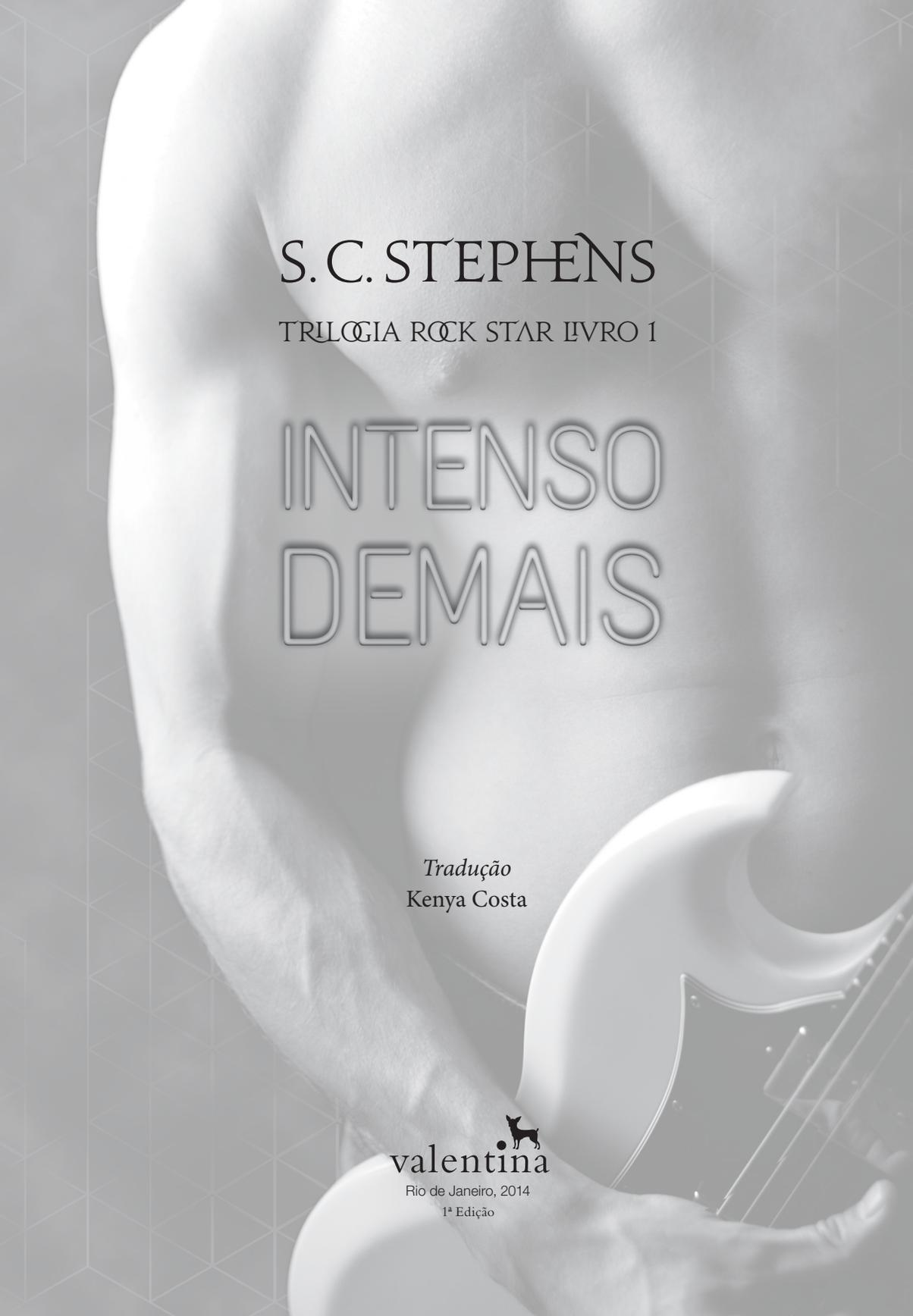
valentina 

TRILOGIA  
ROCK STAR

IVRO 1  
INTENSO DEMAIS

IVRO 2  
COMPLICADO DEMAIS

IVRO 3  
PERIGOSO DEMAIS



S. C. STEPHENS

TRILOGIA ROCK STAR LIVRO 1

INTENSO  
DEMAIS

*Tradução*  
Kenya Costa

  
valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição

Copyright © 2009 by S. C. Stephens  
Publicado mediante contrato com Gallery Books, um selo do grupo Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
*Thoughtless*

CAPA  
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA  
Pascal Genest/Getty Images

DIAGRAMAÇÃO  
editorfarte

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2014

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA: FERNANDA PINHEIRO DE S. LANDIN CRB-7: 6304

S835i

Stephens, S. C.

Intenso demais / S. C. Stephens; tradução de Kenya Costa. - 1. ed. - Rio de Janeiro:Valentina, 2014.  
464p. ; 23 cm. - (Rock Star; 1)

Tradução de: *Thoughtless*  
Continua com: *Complicado demais*

ISBN 978-85-65859-24-0

1. Relação homem-mulher - Ficção. 2. Amizade - Ficção. 3. Traição - Ficção. 4. Romance americano.  
I. Costa, Kenya. II. Título. III. Série.

CDD: 813

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 - Copacabana  
Rio de Janeiro - 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Obrigada a todos que apoiaram a  
mim e à publicação desta história.*

*Eu não teria conseguido sem vocês!*



## Capítulo 1

# ENCONTROS

**E**ra a viagem mais longa que eu já tinha feito. O que não queria dizer grande coisa, já que eu nunca tinha me afastado mais de cem quilômetros da minha cidade natal. Ainda assim, pelos padrões de qualquer um, o trajeto estava sendo incrivelmente longo. De acordo com o GPS, eram aproximadamente trinta e sete horas e onze minutos de viagem. Isso, imagino, se o viajante fosse um super-herói e não precisasse dar nenhuma parada, é claro.

Meu namorado e eu tínhamos saído de Athens, em Ohio. Eu nasci e me criei lá, bem como todos os outros membros da minha família. Embora isso nunca tivesse sido discutido com nossos pais, já estava decidido desde nosso nascimento que eu e minha irmã estudaríamos na Universidade de Ohio. Portanto, foi uma tremenda tragédia para a família quando, alguns meses antes, durante meu segundo ano, comecei a fazer planos para me transferir no outono. O que chocou ainda mais o pessoal, se é que isso era possível, foi o fato de que eu ia me transferir para o estado de Washington, que fica a quase quatro mil quilômetros de distância – mais especificamente, para a Universidade de Washington, em Seattle. Como eu tinha conseguido uma ótima bolsa de estudos, isso certamente ajudou a convencer meus pais. Quer dizer, ajudou, mas só um pouco. As reuniões de família iam passar a ser... animadas de agora em diante.

O motivo da minha transferência estava sentado à minha esquerda, dirigindo seu Honda detonado. Olhei para ele e sorri. Denny Harris. Ele era lindo. Eu sei, essa não é a maneira mais máscula de se descrever um homem, mas, na minha cabeça, era o adjetivo que eu mais usava, por ser a cara dele. Denny nasceu numa cidadezinha em Queensland, na Austrália, e uma vida inteira passada naquele lugar exótico o deixou bronzeado e musculoso, mas não assim tipo um Rambo. Não, de um jeito mais natural, bem proporcionado, atlético. Ele não era alto demais para um cara, mas era mais alto do que eu



mesmo quando eu usava saltos, e isso bastava para mim. Seu cabelo era de um castanho muito escuro, e ele gostava de dividi-lo em mechas espetadas, bem distribuídas. Eu adorava modelá-las, e ele deixava com o maior prazer, suspirando e reclamando o tempo todo que um dia iria raspar toda a cabeça. Mas ele adorava.

No momento, seus olhos afetuosos, de um tom castanho-escuro, estavam voltados na minha direção, sorrindo para mim.

– Oi, amor. Não falta muito agora, talvez mais umas duas horinhas. – Era incrível como o sotaque dele surtia um efeito hipnótico sobre mim. Nunca deixava de me proporcionar um lampejo de alegria, por mais estranho que isso possa parecer.

Para minha sorte, Denny tinha uma tia que, três anos antes, recebera um convite para trabalhar na Universidade de Ohio e se mudara para cá. Denny, que é um doce, decidiu vir com ela e ajudá-la a se instalar. Como tinha adorado morar nos Estados Unidos quando cursou um ano do ensino médio aqui, ele não demorou muito a decidir se transferir para a Universidade de Ohio, o que, para os meus pais, o transformou no candidato ideal... quer dizer, até ele me raptar de casa. Suspirando, torci para que eles superassem esse trauma da faculdade logo.

Pensando que eu tinha suspirado por causa do que ele dissera, Denny acrescentou:

– Eu sei que você está cansada, Kiera. Vamos só dar uma paradinha no Pete's, e depois seguimos direto para casa e caímos na cama.

Concordei com a cabeça, fechando os olhos.

Pelo visto, Pete's era o nome do barzinho badalado onde nosso novo roommate, Kellan Kyle, era a estrela do rock local. Embora fôssemos ser seus hóspedes fixos, eu não sabia muito sobre ele. Sabia que, enquanto fazia o terceiro ano do ensino médio aqui, Denny tinha se hospedado com Kellan e os pais dele, e que Kellan tocava numa banda. Pois é, eu sabia nada menos do que dois grandes fatos sobre o nosso novo e misterioso roommate.

Abri os olhos e observei pela janela as árvores encorpadas e verdes passando num borrão. Os inúmeros postes da rodovia lançavam uma estranha luz alaranjada sobre elas. Finalmente passamos pelo último desfiladeiro; por um momento, tive medo de que o velho carro de Denny não conseguisse ir até o fim. Agora estávamos ziguezagueando por florestas exuberantes, cachoeiras escorrendo sobre pedras e vastos lagos cintilando ao luar. Mesmo na calada da noite, dava para notar que o lugar era lindo. Eu já podia ver uma nova vida começando para mim nessa terra pitoresca.

A ruptura com nossa confortável vida em Athens tinha começado meses antes, às vésperas da formatura de Denny, pela Universidade de Ohio. Ele era brilhante, e eu não era a única que achava. “Prodígio” era o termo que os professores usavam para se referir a ele. Munido das várias cartas de recomendação que escreveram para ele, Denny começou a mandar currículos para empresas no país inteiro.

Eu não aguentava a ideia de ficar longe dele, mesmo que só por dois anos até me formar, por isso tentei conseguir uma vaga em todas as universidades e *colleges* nas mesmas cidades onde ele tentou arranjar um emprego ou estágio. Minha irmã, Anna, estranhou minha atitude. Ela não era exatamente do tipo que sai rodando pelo país afora atrás de um cara, nem mesmo um cara atraente feito Denny. Mas não consegui segurar a onda. Não aguentava ficar sem aquele menino de sorriso fofo.

É claro que, sendo tão brilhante, ele conseguiu descolar o estágio dos seus sonhos em Seattle. Ia trabalhar para uma empresa que, de acordo com Denny, era uma das agências de publicidade mais importantes do mundo, e tinha sido responsável pela criação do jingle superfamoso de uma certa multinacional de fast-food cujo logotipo é um M dourado. Ele não cansava de repetir isso para quem quisesse ouvir, com uma curiosa expressão de reverência, como se os caras tivessem inventado o oxigênio. Pelo visto, os estágios nessa agência são muito raros. E não só em termos do quanto eles oferecem por ano, mas também do quanto deixam os estagiários participarem dos projetos. Pois Denny já iria começar como membro da equipe, não um mero office boy. Ele estava eufórico com a ideia de ir para Seattle.

Eu estava totalmente em pânico. Tive que tomar meia garrafa de antiácido por dia, até finalmente aceitarem minha transferência para a Universidade de Washington. Perfeito! Em seguida, consegui descolar uma bolsa de estudos que cobriria quase todos os gastos. Eu não estava no mesmo nível de inteligência de Denny, mas também não era nenhuma burra. Mais que perfeito! O fato de Denny conhecer pessoas em Seattle e de uma delas ter um quarto dando sopa por uma fração do que esperávamos pagar... bem, fez com que tudo parecesse destinado a acontecer.

Eu sorria ao observar os nomes das estradas, parques e cidadezinhas que passavam voando pela janela. Estávamos atravessando mais cidades agora, começando a nos afastar das majestosas montanhas que eu já não podia mais ver na escuridão atrás de nós. Gotas de chuva pontilhavam o para-brisa quando nos aproximamos de uma cidade maior com uma placa nos dirigindo para Seattle. Estávamos chegando lá. Nossa nova vida iria começar em breve. Eu não sabia praticamente nada sobre a nossa nova cidade, mas fazia cada descoberta com Denny a meu lado. Segurei sua mão, e ele me deu um sorriso tranquilo.

Denny tinha se formado havia uma semana, com dupla habilitação em economia empresarial e marketing (o c.d.f. gostoso...), e em seguida começamos a fazer as malas para ir embora. O novo emprego dele exigia que estivesse em Seattle já na segunda-feira seguinte. Meus pais não tinham ficado lá muito satisfeitos com essa separação prematura. Já tendo feito o sacrifício de aceitar minha decisão de ir embora, estavam ansiosos para passar pelo menos um último verão comigo. Embora eu fosse sentir uma saudade terrível deles, o fato era que Denny e eu estávamos vivendo separados, ele com



a tia e eu com meus pais, havia dois longos anos, e eu estava ansiosa para que nosso relacionamento fosse adiante. Tentei ficar séria na hora em que minha família e eu começamos a trocar beijos de despedida, mas, no íntimo, estava eufórica com a ideia de Denny e eu podermos finalmente ficar a sós.

A única parte da mudança contra a qual protestei, e com veemência, foi a viagem de carro para cá. Algumas horinhas num avião versus dias a fio num carro apertado... era uma escolha bastante óbvia, na minha opinião. Mas Denny tinha um apego estranho ao carro dele, e se recusou a deixá-lo para trás. Pensei que até seria conveniente ter um carro em Seattle, mas mesmo assim passei um dia quase inteiro emburrada, até concordar. Depois disso, Denny tornou a viagem divertida demais para que eu pudesse reclamar e, claro, arranjou mil maneiras de deixar o carro bastante... confortável. Demos duas paradas para descansar que agora estão gravadas para sempre entre minhas lembranças mais felizes.

Abri um largo sorriso ao pensar nisso e mordi o lábio, novamente empolgada com a ideia de termos um cantinho só nosso. A viagem havia sido divertida e deixado muitas lembranças felizes, mas nós tínhamos dirigido praticamente sem parar. Mesmo na maior felicidade, eu estava totalmente pregada. E, mesmo Denny tendo conseguido a proeza de deixar o carro tão aconchegante, ainda assim era um carro, e eu daria tudo por uma cama de verdade. Meu sorriso se transformou em um suspiro satisfeito quando as luzes de Seattle finalmente apareceram diante de nós.

Denny pediu informações antes de chegarmos, de modo que foi fácil encontrar o Pete's Bar. Ele conseguiu achar uma vaga no estacionamento superlotado naquela noite de sexta, o dia em que todo mundo sai para beber, e entrou nela rapidamente. No segundo em que o motor foi desligado, eu praticamente saltei pela porta e passei um bom minuto me espreguiçando. Denny riu de mim, mas fez o mesmo. Dando as mãos, caminhamos até as portas abertas do bar. Estávamos chegando mais tarde do que o esperado, de modo que a banda já estava tocando, e a música chegava até nós no estacionamento. Finalmente entramos, e Denny foi logo dando uma geral no salão. Apontou para um cara enorme que estava encostado numa parede lateral e nos dirigimos até ele, abrindo caminho pelo salão lotado de gente.

No meio do caminho, dei uma olhada nos quatro caras que se apresentavam no palco. Todos pareciam ter seus vinte e poucos anos, como eu. A música deles era um rock rápido, com uma pegada firme, e a voz do cantor combinava perfeitamente com o estilo, rouca mas supersexy. *Caramba, eles são muito bons*, pensei, enquanto Denny ia usando seu jogo de cintura para nos conduzir por um mar de pés e cotovelos.

Não pude deixar de notar o vocalista antes dos outros. Ninguém teria conseguido deixar de olhar para aquele cara – ele era simplesmente lindo de morrer. Tinha um olhar intenso, que percorria a legião de tietes apaixonadas se amontoando na frente do palco.

O cabelo claro, alourado, era um caos, cheio e revolto. Era mais comprido no alto, com camadas mais curtas e assimétricas ao redor, e ele passava as mãos por elas de um jeito irresistível. Como diria Anna, ele tinha “cabelo de quem acabou de acordar”. Tá legal, confesso, ela usava um verbo bem mais grosseiro – minha irmã podia ser meio cafajeste às vezes –, mas era *mesmo* aquele estilo que parece que o cara acabou de sair de um amasso no camarim. Fiquei vermelha ao pensar que talvez tivesse saído mesmo... Enfim, aquele cabelo ficava um verdadeiro arraso nele. Não era qualquer um que podia exibir um look daqueles.

Suas roupas eram bastante básicas, como se ele soubesse que não precisava de acessórios. A camisa era comum, cinza, com as mangas compridas arregaçadas até os cotovelos. E apertada o bastante para insinuar o que indiscutivelmente era um corpo maravilhoso por baixo. Ele completava a produção com uma black jeans detonada na medida e botas pretas, pesadas. Simples, mas o máximo. Ele parecia um deus do rock.

Mesmo com tudo isso, o que era mais fantástico nele, além da voz sensual, era o sorriso incrivelmente sexy. Ele só o esboçava de vez em quando, entre as palavras que ia cantando, mas era o bastante. Um sorrisinho sutil aqui, outro ali – flertando com a galera. Totalmente irresistível.

Aquele homem era sexy até dizer chega. E, infelizmente, tinha consciência disso.

Ele olhava nos olhos de cada uma das fãs apaixonadas. Elas iam à loucura quando o olhar dele passava por elas. Agora que eu prestava mais atenção, os meios sorrisos dele eram sensuais a ponto de deixarem a pessoa sem graça. Os olhos praticamente despiam cada uma das mulheres ao redor do palco. Minha irmã também tinha uma expressão favorita para aquele tipo de olhar.

Ficar vendo o cara seduzir toda aquela legião de tietes estava me deixando constrangida, e eu desviei minha atenção para os outros três membros da banda.

Os dois caras que ladeavam o vocalista eram tão parecidos que só podiam ser parentes, provavelmente irmãos. Pareciam ser da mesma altura, um pouco mais baixos que o vocalista, e mais magros, não tão... bem-dotados. Tinham exatamente o mesmo nariz estreito e lábios finos. Um era o guitarrista, o outro o baixista, e até que eram razoavelmente bonitos. De repente, se eu os tivesse visto antes do vocalista, eu os teria achado mais atraentes.

O guitarrista usava um short cáqui e uma camiseta preta com o logotipo e o nome de uma banda que eu não conhecia. O cabelo dele era louro, curto e espetado. Estava tocando um trecho que parecia difícil com uma expressão concentrada no rosto, os olhos claros dando uma geral meteórica na multidão de vez em quando, logo voltando para as mãos.

O parente dele, também louro e de olhos claros, tinha o cabelo mais comprido, até o queixo, e preso atrás das orelhas. Também usava short, e sua camiseta me fez rir um pouco: só dizia “Estou com a banda”. Ele tocava baixo com uma expressão quase

entediada e não parava de olhar para o guitarrista, que podia tranquilamente se passar por seu irmão gêmeo. Fiquei com a impressão de que ele preferiria tocar aquele instrumento.

O último cara estava meio escondido atrás da bateria, de modo que não dava para ver muito dele. Achei ótimo que pelo menos estivesse vestido, já que muitos bateristas parecem sentir a necessidade de ficar quase nus quando tocam. Mas ele tinha o rosto mais simpático do mundo, com uns olhos grandes, escuros, e cabelos castanhos muito curtos. Estava usando piercings alargadores de orelhas, uns negócios enormes. Nunca fui muito fã daqueles troços, mas era engraçado como ficavam bem nele. Os braços eram cobertos de tatuagens coloridas e chamativas como um mural de arte, e ele executava os mais complicados padrões rítmicos sem o menor esforço, passando os olhos pela multidão com um largo sorriso no rosto.

Denny só tinha dito que nosso novo roommate, Kellan, fazia parte dessa banda, sem chegar a especificar qual dos membros era. Fiquei torcendo para que fosse o cara grandalhão, com jeito de urso de pelúcia, atrás da bateria. Parecia ser uma pessoa tranquila.

Denny e eu finalmente conseguimos passar pela multidão e chegar até o cara corpulento. Ele notou quando nos aproximamos e abriu um largo sorriso para Denny.

– E aí, cara? Bom te ver – berrou mais alto do que a música, tentando imitar o sotaque de Denny e derrapando feio.

Dei um sorrisinho discreto. Bastava as pessoas ouvirem Denny falar uma vez para tentarem imitá-lo. E, geralmente, ninguém conseguia. Era um desses sotaques que soam artificiais se a pessoa não tiver vivido na Austrália. Denny sempre tentava me convencer a imitá-lo, porque achava divertidíssimo quando as pessoas tentavam. Eu sabia que não conseguiria, por isso não dava esse gostinho a ele. Nada a ver, fazer papel de boba.

– E aí, Sam? Há quanto tempo! – Foi durante o ano que Denny passou em Seattle como aluno de intercâmbio que ele conheceu Kellan. Como Sam parecia regular em idade com Denny, presumi que os dois tinham se conhecido na mesma época. Meu sorriso aumentou quando eles trocaram um daqueles rápidos abraços “de homem”.

Sam era um cara grandalhão. Seu corpo era de um fisiculturista, com uns músculos que mal cabiam na camiseta vermelha. Tinha a cabeça totalmente raspada e, se não estivesse sorrindo, eu nunca teria tido coragem de me aproximar. O cara tinha um ar ligeiramente ameaçador, o que, agora que eu notava o nome do bar escrito na camiseta, parecia adequado. Era óbvio que ele era o segurança do Pete’s.

Sam se inclinou mais na nossa direção, para não ter que ficar gritando.

– Kellan me disse que você pintaria por aqui hoje. Vai morar com ele, certo? – Olhou para mim, que estava ao lado de Denny. – Essa é a sua namorada? – perguntou, antes mesmo que Denny pudesse responder à primeira pergunta.

– É, essa é a Kiera, Kiera Allen. – Denny sorriu para mim. Eu adorava o som que seu sotaque dava ao meu nome. – Kiera, esse é o Sam. Ele e eu fomos colegas de colégio.

– Oi. – Sorri para ele, sem saber o que mais poderia fazer.

Eu detestava conhecer pessoas. Era uma coisa que sempre me deixava meio nervosa e com a maior vergonha da minha aparência. Eu não me achava nada de especial nesse sentido. Não que fosse feia, apenas nada fora do comum. Meu cabelo castanho era comprido e, felizmente, cheio e ligeiramente ondulado. Meus olhos eram cor de mel e já tinham me dito que eram expressivos, o que na minha cabeça queria dizer que eram grandes demais. Minha altura era mediana para uma mulher, um metro e setenta, e eu era bem magrinha, porque praticava corrida na universidade. Mas, no geral, eu me sentia bastante comum.

Sam me cumprimentou com a cabeça e tornou a se virar para Denny.

– Olha só, Kellan teve que começar o show, mas deixou a sua chave comigo, para o caso de vocês não quererem ficar... enfim, viagem longa, etcétera e tal. – Ele enfiou a mão no bolso da calça jeans e entregou a chave para Denny.

Isso foi muito gentil da parte do Kellan. Eu estava morta de cansaço, e realmente só queria me pôr à vontade e dormir uns dois dias seguidos. Não estava mesmo a fim de ter que ficar esperando sei lá quantas horas até o show acabar para poder pegar nossa chave.

Dei mais uma olhada na banda. O vocalista ainda estava despindo mentalmente cada uma das mulheres que olhava. De vez em quando, ele fazia aquele som aspirado com a boca, exagerando de um jeito que beirava o erótico. Ele se inclinava para o microfone e estendia a mão para se aproximar ainda mais das fãs apaixonadas, fazendo o mulherio gritar de prazer. A maioria dos caras no bar estava mais afastada, mas alguns faziam questão de grudar nas namoradas. Esses olhavam para o vocalista com um ar de irritação ostensiva. Não pude deixar de pensar que qualquer dia desses ele iria levar um sério pontapé no traseiro.

Eu estava cada vez mais convencida de que o cara simpático no fundo era o amigo de Denny. O baterista parecia aquele tipo de pessoa bacana e tranquila de quem ele facilmente ficaria amigo. Denny, que batia papo com Sam, estava perguntando a ele o que tinha feito ultimamente. Quando terminaram de pôr as notícias em dia, nós nos despedimos.

– Pronto para ir embora? – perguntou Denny, sabendo como eu estava cansada.

– Prontíssima – respondi, desesperada por uma boa cama. Felizmente, Kellan tinha dito a Denny que o último inquilino deixara alguns móveis no quarto.

Denny riu um pouco, e então olhou para a banda. Fiquei só observando, esperando que sua presença chamasse a atenção do amigo. Denny gostava de manter uma barba rala cobrindo o queixo e o lábio superior. Não muita, nem cerrada; ele só parecia um cara que tinha acabado de voltar de uma longa temporada num acampamento. Fazia com que seu rosto, que sem isso seria o de um garotinho, parecesse mais velho e curtido. Mas era uma barba macia, e eu achava uma delícia quando ele esfregava o rosto no meu pescoço. E também era incrivelmente sexy. Nesse momento, percebi que estava pronta para ir embora por mais de um motivo.



Ainda olhando fixamente para Denny, notei quando ele levantou a mão que segurava a chave e acenou com o queixo. Pelo visto, tinha conseguido finalmente chamar a atenção de Kellan, e estava sinalizando para ele que iríamos para casa. Eu estava tão perdida nos meus devaneios que me esqueci de olhar para quem ele sinalizara. Ainda não sabia qual deles era Kellan. Dei uma olhada no palco, mas nenhum dos caras estava olhando na nossa direção.

Quando nos dirigíamos para a porta, olhei para Denny.

– Afinal, qual deles é o Kellan?

– Hum? Ah, acho que não cheguei a dizer, não é? – Ele meneou a cabeça em direção à banda: – É o vocalista.

Senti um vago mal-estar. Claro, só podia ser. Parei e olhei também, e Denny parou a meu lado, observando a banda comigo. Em algum momento enquanto nos dirigíamos para a porta, eles começaram a tocar uma nova música. A batida era mais lenta, a voz de Kellan estava mais baixa, mais suave, mais sensual, se é que isso era possível. Mas não foi isso que me levou a parar e escutar.

Foi a letra da música. Era linda, comovente mesmo. Era uma declaração poética de amor e perda, insegurança e até morte. Do desejo de que alguém que ficara para trás se lembrasse dele como uma boa pessoa, uma pessoa digna de sua saudade. As garotas insípidas, cujo número tinha dobrado, ainda gritavam pela sua atenção. Elas nem mesmo reconheciam a mudança no tom da música. Mas Kellan estava totalmente diferente.

Agora, suas mãos se curvavam em torno do microfone, e ele olhava para além da multidão, os olhos distantes, absortos na música. Seu corpo inteiro se perdia naquelas palavras; pareciam vir do fundo da sua alma. Se a outra música tinha sido apenas para curtir, essa agora era pessoal. Obviamente, significava alguma coisa para ele. Sua interpretação me tirou o fôlego.

– Nossa – comentei, quando voltei a respirar. – Ele é incrível.

Denny meneou a cabeça em direção ao palco:

– É, ele sempre foi muito bom no que fazia. Até a banda dele na escola era show.

De repente, desejei que pudéssemos ficar a noite toda, mas Denny estava tão cansado quanto eu, talvez até mais, pois tinha dirigido a maior parte do tempo.

– Vamos para casa. – Sorri para ele, adorando o jeito como isso soou.

Ele segurou minha mão e me puxou pela multidão. Olhei para Kellan uma última vez antes de passarmos pela porta. Para minha surpresa, ele também estava olhando para mim. Aquele rosto perfeito, fixo somente em mim, me fez tremer um pouco. Sua poderosa canção ainda não acabara. Novamente, desejei poder ficar para ouvir o fim.

Ele estava muito diferente de quando eu o notara pela primeira vez. Naquele primeiro olhar ele tinha parecido apenas... sensual. Tudo nele gritava, *Vou te pegar aqui mesmo e te fazer esquecer o seu nome*. Mas agora ele parecia profundo, até mesmo filosófico. Será que

minha primeira impressão tinha sido equivocada? Será que Kellan era alguém que valia a pena conhecer melhor?

Morar debaixo do mesmo teto que ele ia ser... interessante.

Denny achou nossa nova moradia com facilidade, pois não ficava muito longe do bar. Era numa ruazinha transversal bem menor, apinhada de casas. A rua em si tinha tantas fileiras de carros estacionados que era praticamente uma rua de mão única. A entrada da casa parecia ter espaço para dois carros espremidos, de modo que Denny estacionou na vaga mais afastada da porta.

Ele apanhou três das nossas sacolas no assento traseiro e eu as outras duas, e então nos dirigimos para casa. Era pequena, mas bem simpática. A parede da entrada tinha um cabideiro com todos os braços vazios, e uma mesinha em feitiço de meia-lua, onde Denny atirou as chaves. À esquerda ficava um corredor curto, que ia dar numa porta. Um banheiro, talvez? Daquela distância, só pude enxergar uma bancada. Devia ser a cozinha. Bem na nossa frente estava a sala. Um aparelho de tevê gigantesco era o elemento mais chamativo. *Homens*, pensei. À direita ficava uma escada em espiral que levava ao segundo andar.

Subimos a escada e paramos diante de uma sequência de três portas. Denny abriu a da direita – a cama extremamente desarrumada e uma guitarra meio velha encostada num canto entregaram que aquele era o quarto de Kellan. Ele fechou a porta e experimentou a do meio, rindo um pouco do nosso jogo de adivinhação. Ah, ele tinha encontrado o banheiro. Agora só faltava a porta número três. Sorrindo, ele a escancarou para nós. Comecei a dar uma geral no aposento, mas meu olhar não foi muito mais longe que a imensa cama de casal encostada no meio da parede. Como não sou do tipo que deixa passar uma oportunidade, segurei Denny pela camisa e o puxei para a cama, sedutora.

Não era sempre que tínhamos uma chance de ficar a sós. Geralmente estávamos cercados por um monte de gente – a tia dele, minha irmã, ou – ugh – meus pais. Por isso dávamos muito valor à nossa privacidade, e uma coisa que logo percebi ao inspecionar nosso novo lar foi que não iríamos ficar tão sozinhos aqui quanto eu tinha esperado, principalmente no andar de cima; dava para notar que as paredes eram muito finas, o que não era nada bom em termos de privacidade. Por isso, jogamos nossas sacolas no canto do quarto e aproveitamos que o nosso roommate trabalhava à noite. O resto da bagagem podia esperar para ser trazida... Algumas coisas eram muito mais importantes.

Acordei cedo na manhã seguinte, ainda desorientada dos dias passados na estrada, mas me sentindo bastante descansada. Denny estava estendido no seu lado da cama e parecia dormir tão bem que não tive coragem de acordá-lo. Senti um arrepiozinho ao acordar do lado dele. Nós raramente conseguíamos passar uma noite inteira juntos, mas agora teríamos todas as noites só para nós. Tomando cuidado para não acordá-lo, levantei e me dirigi ao corredor.



Nosso quarto ficava bem em frente ao de Kellan, e a porta dele estava ligeiramente entreaberta. O banheiro ficava entre os dois quartos, e a porta estava fechada. Minha família não tinha o hábito de fechar a porta do banheiro, a menos que estivesse ocupado. Não vi nenhuma luz acesa sob a porta, mas agora o dia já estava claro, de modo que não seria mesmo preciso acender a luz.

Será que eu devia bater? Não queria me sentir uma idiota, batendo numa porta em minha própria casa, mas ainda não tinha sido apresentada a Kellan, e dar de cara com ele no banheiro não era a maneira como eu queria conhecê-lo... não que eu quisesse dar de cara com ele no banheiro alguma outra hora. Dei uma espiada na sua porta e fiquei prestando atenção até achar que poderia estourar uma veia. Tive a impressão de ouvir um leve ressonar vindo do quarto dele, mas de repente podia ser a minha própria respiração. Eu não o tinha ouvido chegar na noite passada, mas ele parecia ser do tipo que fica na rua até as quatro da manhã e depois dorme até as duas da tarde, de modo que resolvi arriscar e meti a mão na maçaneta.

Senti o maior alívio quando vi que o banheiro estava vazio. Alívio, e um desejo imenso de lavar a sujeira da estrada do meu corpo. Depois de trancar a porta – também não queria saber de Kellan dando de cara comigo –, abri o chuveiro.

Na noite passada, eu tinha revirado minhas coisas às pressas atrás do meu pijama, antes de desmaiar de exaustão. Agora, tirei o short e a regata e entrei na água quase escaldante. Foi um paraíso. De repente, desejei que Denny estivesse acordado. Que estivesse aqui, comigo. Ele tinha um corpo maravilhoso, ainda mais com água escorrendo por cima. Mas então me lembrei do seu ar exausto na noite passada. Hummm... talvez alguma outra hora.

Relaxei na água quente, suspirando. Nem tinha me lembrado de trazer o xampu, na pressa de ir para o banheiro, mas, felizmente, encontrei um sabonete no box. Não era a melhor maneira de lavar o cabelo, mas eu não me sentia à vontade para usar os produtos de Kellan, que tinham pinta de ser supercaros. Fiquei curtindo a água quente por muito mais tempo do que deveria, considerando os outros, que na certa também iriam querer uma gotinha dela. Mas não pude me controlar; era tão bom estar limpa novamente.

Finalmente, fechei a torneira e sequei as gotas com a única toalha disponível. Era horrivelmente fina e pequena demais; eu precisava me lembrar de trazer minha toalha grande e confortável da próxima vez. Enrolando apressada a toalha no corpo, me preparei para enfrentar o ar mais frio do corredor, e abri a porta. Tinha esquecido todos os meus produtos de higiene, para não falar de uma muda de roupa, na minha ânsia de ficar limpa. Estava tentando me lembrar em qual sacola da nossa pilha caótica estavam minhas coisas, quando notei que a porta de Kellan agora estava aberta... e ocupada.

Ele estava parado na soleira, bocejando longamente e coçando o peito. Pelo visto, preferia dormir só de cueca samba-canção. Não pude deixar de me distrair por um

momento ao vê-lo. Uma noite de descanso não tinha afetado nem um pouco o seu cabelo alvoroçado; estava uma graça, cada mecha apontando para um lado. Mas foi o corpo que ocupou a maior parte da minha atenção. Era mesmo um espetáculo, como eu tinha imaginado. Se o de Denny era bonito, o de Kellan era uma aberração de tão lindo. Ele era alto, talvez uns quinze centímetros mais alto do que Denny, e os músculos eram longos e esguios, como os de um corredor. E muito bem definidos. Eu poderia ter pegado um pilô e delineado cada um deles.

Ele era... enfim... um tesão.

Seus olhos, de um tom impossível de azul-escuro, brilharam para mim, quando ele inclinou a cabeça para o lado de um jeito lindo, lindo.

– Você deve ser a Kiera – falou numa voz baixa, ligeiramente rouca de quem acabou de acordar.

Senti um certo constrangimento ao me dar conta de que nosso primeiro encontro não estava sendo muito diferente do que eu tinha temido que fosse. Mas, pelo menos, nós dois estávamos vestidos, ou quase. Furiosa comigo mesma por não ter tornado a vestir a regata e o short com que tinha dormido antes de sair do banheiro, estendi a mão para ele, encabulada, tentando, sem jeito, dar uma certa formalidade à cena.

– Sou... oi – murmurei.

Um meio sorriso encantador apareceu no rosto dele quando apertou minha mão. Parecia estar achando minha reação muito divertida. Também não parecia nem um pouco chateado com o fato de nenhum de nós dois estar decentemente vestido. Senti o rubor me subir pelo rosto e um impulso desesperado de correr para o meu quarto, mas não tinha ideia de como sair com um mínimo de educação desse encontro bizarro.

– Você é o Kellan? – Pergunta idiota. É óbvio que era; só morávamos nós três ali.

– Hum-hum... – Ele concordou com a cabeça, ainda me observando atentamente. Um pouco mais atentamente do que eu podia suportar de um estranho me encarando quando eu estava seminua.

– Desculpe pela água. Acho que usei todo o lado quente. – Virei e pus a mão na maçaneta, esperando que ele entendesse a indireta.

– Não tem problema. Só vou usar hoje à noite, antes de sair.

Por um momento me perguntei aonde ele iria, mas, em vez disso, murmurei:

– Vejo você mais tarde, então – e corri de volta para o meu quarto. Tive a impressão de ouvir um riso abafado atrás de mim ao fechar a porta.

Uma cena de matar de vergonha. Se bem que podia ter sido pior. Argh, era exatamente por isso que eu detestava conhecer pessoas. Eu tinha uma tendência a sair desses encontros parecendo uma idiota, e hoje não tinha sido exceção à regra. Denny dizia que o nosso primeiro encontro tinha sido encantador. Já minha memória associava outra palavra àquele momento. Eu estava horrorizada só de pensar quantas vezes iria ter que

passar por isso nos próximos meses. Pelo menos, nos nossos futuros encontros eu estaria mais vestida... se Deus quisesse.

– Você está bem? – A voz clara de Denny, com seu sotaque, varou meus pensamentos. Abri os olhos depressa e o vi recostado sobre o cotovelo, me observando com uma expressão de curiosidade. Ainda parecia cansado, e esperei não o ter acordado.

– Estava só conhecendo o nosso roommate – expliquei, emburrada.

Denny me conhecia tão bem que não ficou surpreso com a minha reação a uma coisa tão sem importância. Ele sabia como eu ficaria constrangida por topar com alguém que não conhecia, apenas enrolada numa toalha.

– Ah, vem cá. – Ele abriu os braços para mim, e eu engatinhei avidamente de volta para a cama.

Ajeitei minhas costas ao seu abraço quente e confortante, e seus braços estreitaram meu corpo com força, me puxando para perto. Ele deu um beijo carinhoso na minha cabeça úmida, e então soltou um longo suspiro.

– Tem certeza do que está fazendo, Kiera?

Dei um tapinha brincalhão no seu ombro.

– Nós já estamos aqui. É um pouco tarde para perguntar, não? – Eu me afastei um pouco para poder olhar seu rosto. – *Não vou* fazer outra viagem dessas de volta – provoquei-o.

Ele sorriu um pouco, mas seu rosto estava sério.

– Eu sei do que você abriu mão para vir para cá – sua família, seu lar. Não sou cego, sei que você sente saudades. Só queria ter certeza de que valeu a pena para você.

Pus a mão no rosto dele.

– Não. Jamais questione isso. É claro que eu sinto saudade da minha família, uma saudade horrível. Mas você *vale a pena*, você vale qualquer coisa. – Meus dedos acariciaram seu rosto suavemente. – Eu te amo. Quero ficar aqui com você.

Ele deu um sorriso sincero.

– Me desculpe se isso soar meio piegas, mas... você é o meu coração. Também te amo. – Então ele me beijou profundamente e começou a desenrolar a toalha, de súbito volumosa, da minha cintura.

Eu tinha que ficar me lembrando toda hora de que as paredes eram muito finas...